HISTÓRIAS DE VIDA, PROTAGONISMOS E EDUCAÇÃO: MULHERES DA FLORESTA NACIONAL DE TEFÉ

LIFE STORIES, PROTAGONISM, AND EDUCATION - WOMEN OF THE TEFÉ NATIONAL FOREST

HISTORIAS DE VIDA, PROTAGONISMOS Y EDUCACIÓN - MUJERES DEL BOSQUE NACIONAL DE

Marcela da Silva Barbosa[1]
Rita de Cássia Fraga Machado[2]

RESUMO
Este trabalho é um recorte de uma dissertação de mestrado, que trouxe como uma das metodologias a técnica da história de vida e a fotografia que conta através da imagem a história de três mulheres. Estas são protagonistas femininas da Floresta Nacional de Tefé – Flona. Com a técnica da história de vida, temos a oportunidade de conhecer o indivíduo desde a infância à vida adulta. Conhecer o que é nos permitido. Na entrevista, temos o tempo da fala, o tempo da observação e, principalmente, o tempo do ouvir. A técnica da história de vida exige o ouvir, o escutar. Para isso o ouvir precisa ser transformado em escutar. Sobre, de sermos tocadas, foi o que senti fazendo esta pesquisa do mestrado. Em vários momentos, durante as entrevistas, ou na hora da transcrição das entrevistas, que levou horas a fio, fiquei conectada às histórias de vida dessas mulheres, como também trouxe, em alguns pontos entrelaçados às histórias de vida delas, a minha própria história de vida e da minha família. O ouvir pede o afeto e o respeito pelo que se ouve. A história de vida dessas mulheres, regadas por resistências, dificuldades e afetos, é o ponto que nos faz refletir, que sem essas mulheres e seus povos, não existiria floresta viva. Precisamos, enquanto pesquisadores, trazer e dar visibilidade para esses povos que vivem no meio da floresta, pois elas são as verdadeiras protagonistas dessas vivências.
PALAVRAS-CHAVE: Floresta Nacional de Tefé; mulheres; protagonismo feminino na floresta; histórias de vidas.

ABSTRACT
This paper constitutes an excerpt from a master's thesis, utilizing the life history technique and photography as methodologies to narrate the experiences of three women. These women emerge as the female protagonists within the Tefé National Forest - Flona context. Employing the life history technique affords us the opportunity to comprehensively understand individuals from childhood through adulthood, within the bounds of what is permissible. The interview process encompasses periods of dialogue, observation, and, crucially, attentive listening. The life history technique necessitates a form of listening that transcends mere hearing, demanding a deeper level of engagement. Throughout the course of this master's research, there was a palpable sense of emotional connection, particularly during interviews and the subsequent transcription process, where I found myself deeply immersed in the life stories of these women. Furthermore, I integrated aspects of my own life and familial history at certain intersecting points with theirs. Effective listening demands both empathy and respect for the narratives being shared. The narratives of these women, characterized by resilience, adversity, and bonds of affection, compel us to recognize that the vitality of the forest hinges upon their presence. As researchers, it is imperative to elevate the visibility of these communities residing within the forest, for they are the true protagonists of these narratives.
KEYWORDS: Tefé National Forest; women; female protagonism in forest environments; life narratives.

RESUMEN
Este trabajo es un fragmento de una disertación de maestría que utilizó como una de las metodologías la técnica de la historia de vida y la fotografía para contar, a través de imágenes, la historia de tres mujeres. Estas son protagonistas femeninas de la Floresta Nacional de Tefé - Flona. Con la técnica de la historia de vida, tenemos la oportunidad de conocer al individuo desde la infancia hasta la vida adulta. Es un conocimiento que nos está permitido adquirir. Durante la entrevista, tenemos el tiempo de la palabra, el tiempo de la observación y,

[1] Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Brasil. Orcid: 0009-0002-7590-017X.
[2] Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Brasil. Orcid: 0000-0002-7385-3771.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 125-146, maio/ago. 2024.
Recebido em: 22/04/2024 | Aceito em: 24/06/2024

principalmente, el tiempo de escuchar. La técnica de la historia de vida exige que escuchemos atentamente. Para ello, el acto de escuchar debe transformarse en escucha. Durante mi investigación de maestría, sentí la importancia de ser tocados por las historias de vida de estas mujeres. En varios momentos, durante las entrevistas o al transcribir, que llevó horas y horas, me sentí conectada con las historias de vida de ellas. Además, en algunos puntos, entrelacé sus historias de vida con la mía propia y la de mi familia. El acto de escuchar requiere afecto y respeto por lo que se oye. Las historias de vida de estas mujeres, marcadas por resistencias, dificultades y afectos, nos hacen reflexionar sobre su importancia y la de sus pueblos para la existencia de la floresta. Como investigadores, debemos dar visibilidad a estos pueblos que viven en el corazón de la floresta, ya que son las verdaderas protagonistas de estas experiencias.
PALABRAS CLAVE: Floresta Nacional de Tefé; mujeres; protagonismo femenino en el bosque; historias de vida.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Refletir sobre a história de vida das mulheres da Floresta Nacional de Tefé é reviver as narrativas de nossas ancestrais, marcadas pelo protagonismo e sabedoria ancestral. Essas histórias, muitas vezes esquecidas ou ignoradas, são fundamentais para entender a importância das mulheres no passado e como suas ações moldam o presente e podem transformar o futuro. Este relato é parte de uma dissertação de mestrado que documentou as experiências dessas mulheres, frequentemente compartilhadas na intimidade do lar, ao ar livre ou à beira do rio, e capturadas não só em palavras, mas também em fotografias. A técnica da história de vida permite um mergulho profundo na jornada do indivíduo pesquisado, no caso dessa pesquisa, as mulheres da Floresta Nacional de Tefé, enfatizando a importância de escutar e observar.

A técnica da história de vida exige o ouvir, o escutar, que as autoras Diniz e Gebara (2022, p. 17) assim o definem:

> Ouvir exige silenciar-se, abdicar do poder e da sedução da palavra. Mas ouvir não é o mesmo que pausar a voz, é gesto ativo para o encontro feminista – somente sendo capaz de ouvir é que seremos tocadas por outras vidas diferentes da nossa. Para isso o ouvir precisa ser transformado em escutar.

Sobre a reflexão das autoras acerca do encontro, de sermos tocadas, foi o que senti fazendo esta pesquisa do mestrado. Em vários momentos, durante as entrevistas, ou na hora da transcrição das entrevistas, que levou horas a fio, fiquei conectada às histórias de vida dessas mulheres pela minha própria identidade de mulher da floresta, “Ouvir não pede só ouvidos, mas muitos afetos” (Diniz; Gebara, 2022, p. 18).

O ouvir pede o afeto e o respeito pelo que se ouve. Eu fiz duas entrevistas com dona Raimunda. Ela, com sua idade avançada, já não escuta tão bem. Havia algumas vezes em que eu falava e era obrigada a repetir inúmeras vezes para que ela compreendesse o que estava

dizendo. Naquele papel de pesquisadora, eu não era superior a ela e tive que usar uma linguagem mais simples para explicar minha pesquisa, que era sobre a história de vida delas. E foi como dona Raimunda sempre falava: "a gente aprende e ensina". O afeto é revolucionário.

Este trabalho tem como objetivo, identificar as identidades das mulheres da Flona através de suas histórias de vida, e entender como esse processo de identidade, e cultura fazem parte de uma educação transformadora, que é gerada na própria comunidade no meio da floresta e das águas. Ações que acontecem de várias maneiras, como, reuniões comunitárias, a escola da comunidade, o roçado de mandioca feito em ajuri, a horta, e a igreja.

Essas pedagogias do movimento que norteiam a vida e cultura dessas mulheres, é identificada também, através das fotografias, como diz Martins (2022, p. 37), "A fotografia conta uma história", que neste trabalho, se encaixa como técnica de visibilização dessas mulheres, com seus rostos, seus traços, que contam suas vivências, lutas e resistências para além das palavras.

A fotografia assume seu papel de texto visual nesta pesquisa, conferindo visibilidade às mulheres da Flona. A fotografia nos remete à memória. Lembram um tempo em que foram felizes, tempo de união, tempo de vivência em comunidade para um projeto que era benéfico para todos. "O registro fotográfico oferece poucas garantias de uma leitura inequívoca, pois o discurso que produz é poroso, permeável às intenções com as quais é confrontado" (Samain, 2012, p. 142). Pensar a fotografia como narrativa é pensar a fotografia como movimento, do recordar ao se conhecer, é um movimento que protagoniza outros movimentos, trazendo visibilidade, como no caso desta pesquisa.

Abaixo vamos conhecer a história de vida das protagonistas da floresta, vamos tecer reflexões, da infância, a vivência no trabalho/educação, e a participação na comunidade como protagonismo individual e coletivo.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 125-146, maio/ago. 2024.
Recebido em: 22/04/2024 | Aceito em: 24/06/2024

HISTÓRIA DE VIDA DA DONA EDNA LOPES

FIGURA 1 – Dona Edna participando da feira



Fonte: Arquivo projeto das feiras agroecológicas.

> Eu sempre tenho uma coisa comigo, que a gente tem que sofrer e valorizar e mais na frente contar o que a gente passou, para experiências para os outros. Porque senão a gente não tem nada para contar para os outros. A gente tem que ter história (Dona Edna, comunidade de Bom Jesus).

Dona Edna Lopes tem 48 anos e sua escolaridade é o ensino médio completo. Ela mora na comunidade de Bom Jesus, na Floresta Nacional de Tefé, é casada, mãe de cinco filhos. É uma das lideranças comunitárias na Flona, principalmente para as mulheres.

Infância e vivência pelo trabalho

Dona Edna, como a maioria das mulheres que participaram desta pesquisa, morou desde o seu nascimento na comunidade. Desde pequena, ajudava os pais na roça, uma realidade bastante comum na vida do ribeirinho.

> Minha vida assim, como na agricultura, comecei desde nova no trabalho, no pesado, hoje eu sou toda arrebentada, porque eu tive esse trabalho, e não tive essa oportunidade de estudos, porque meus pais não tinham condições de me manter na cidade para eu estudar. A gente como agricultor, que mora no interior, a gente não tem essa condição toda (Dona Edna, comunidade de Bom Jesus).

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 125-146, maio/ago. 2024.
Recebido em: 22/04/2024 | Aceito em: 24/06/2024

Diante deste depoimento de dona Edna, podemos perceber que, ainda que não tivessem condições de estudar fora, na cidade, essas mulheres não deixavam apagar o desejo de frequentar uma escola. Percebe-se a realidade do trabalho braçal, pesado, desde muito cedo, para as crianças, o que é "comum". As crianças tinham que acompanhar os pais para o centro, onde ficavam dias dentro da mata, como diz Dona Edna.

> Minha mãe e meu pai vieram do Maranhão, eles vieram na época da borracha. Aí vieram para cá, e aqui eles, começaram também na borracha, foram para dentro do rio Tefé, para os centros. A minha mãe trabalhou e sofreu muito. Eu também sofri muito, porque eu via o sofrimento dos meus pais, que não era aquela coisa boa que a gente conviveu.

Dona Edna traz lembranças muito duras da sua infância. Ela me fez lembrar da minha própria história de vida, em que toda sorte de dificuldade e principalmente a fome faziam parte da minha realidade, pelo menos naquela época. Tudo era mais difícil.

> Eu já conto coisa ruim que eu vivi, eu conto que se eu pedisse café para beber, meu pai e minha mãe me batia, por que nós tinha que tomar chá, porque café era só para os mais velhos, o que mais me revoltava é que se chegava em casa gente que não era da nossa família, chegava e eles serviam café e nós que era da família, nós só tomava chá, até hoje eu tenho trauma de chá. Estou tentando superar. A farinha tinha que molhar, tufar, fazer pirão, para dar um pouquinho para cada (Dona Edna, comunidade de Bom Jesus).

Durante as partilhas, um detalhe me chamou a atenção. Dona Edna sempre lembrava o quanto todos estavam sempre juntos, nas dificuldades e nos momentos felizes, e aquilo fazia deles mais fortes.

Adolescência de Dona Edna e a escola

Na sua adolescência, a vida de Dona Edna era pautada pelo trabalho na roça e pela vontade de estudar.

> Na época da escola, eu e minha irmã Ezimar tinha muita vontade de estudar na cidade, mas nossos pais não tinha condição de deixar nós na cidade para gente ficar estudando. E eu tinha um desejo no meu coração, de vim para Tefé estudar, eu ia estudar de manhã, de tarde e se tivesse oportunidade estudar de noite. Porém não sei se ia dar certo, pois não tive essa oportunidade. Esse era o desejo do meu coração, mas as condições do meu pai e da minha mãe nunca deu. E quando foi a época que as aulas começaram no interior, nós abraçamos, e estudamos, e hoje eu e as minhas irmãs o que a gente sabe foi o que a gente aprendeu por lá mesmo na comunidade. Lá eu fiz até o nono ano, do primeiro ao quinto ano, estudei com outros professores e com a minha irmã, Raimunda, ela nos ajudou muito (Dona Edna, comunidade de Bom Jesus).

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 125-146, maio/ago. 2024.
Recebido em: 22/04/2024 | Aceito em: 24/06/2024

Essa dificuldade do acesso à escola ainda é muito presente nas comunidades, principalmente quando termina o ensino fundamental e os adolescentes têm que seguir para a cidade e cursar o ensino médio. Muitas famílias não têm condições de manter seus filhos na cidade, e esses jovens acabam desistindo da escola. As meninas casam e têm filhos, se tornam donas de casas e também trabalham na roça, mesmo que isso não seja o desejo dos pais ou até mesmo o desejo dessas jovens. Em outro momento da conversa, Dona Edna disse o seguinte:

> Tudo que eu sei, eu tive que aprender lá no sítio, e eu brigava com a minha irmã, quando ia secar aqueles pacotes de bolacha para gente fazer a mochila para ir para escola, nós amarrava duas alças na sacola e ia embora feliz. O nosso lápis era um dividido no meio, e ai de nós se quebrasse ou acabasse logo, nós apanhava do nosso pai. A nossa borracha era o solado da sandália.

Quando dona Edna fala de toda a dificuldade que passava com sua irmã, para conseguir ir à escola na comunidade, lembrando que "nós amarrava duas alças na sacola e ia embora feliz", expressa um sentimento genuíno de agradecer até pela dificuldade. Claro que aqui não estamos romantizando a pobreza, a fome, a falta de escola, porém, mesmo sem condições de acesso ao estudo, por conta da ausência de políticas públicas voltadas à população das florestas, percebe-se nesse depoimento de dona Edna o sentimento de "felicidade" de poder ir à escola. Mesmo que tivesse que usar a sacola plástica do açúcar ou dividir o lápis, o importante era estudar.

> Assim é minha vida, hoje posso dizer que melhorou um pouco, do que a gente vivia no interior, mas, não é bom, hoje eu posso testemunhar como mãe que não é bom, eu lutei pelo bem dos meus filhos, para que eles possam ter esse estudo melhor que eu não tive, eles terem (Dona Edna, comunidade de Bom Jesus).

Como Dona Edna diz, a realidade dos filhos melhorou um pouco em relação à que ela enfrentou. É diferente do que foi a vida dela e das irmãs, porém, ainda há muita dificuldade e elas precisam lutar por uma boa educação dos seus filhos e pela própria educação.

> E eu com 48 anos, que agora eu entraria em uma faculdade. Porque eu vejo exemplos de pessoas na televisão que passam na faculdade com 60 anos, e eu com 48, será que eu não posso? Então é isso que sempre questiono em reunião que eu tou, assim para gente ter oportunidade, assim, pessoas lá da roça, mulher agricultora, que faz os seus trabalhos e tudo mais, a gente ter essa oportunidade, e até questão assim, de cor, que hoje as pessoas, eu não sei ainda qual o preconceito, da raça. A gente quer ter o mesmo espaço que o branco tem. A gente não é diferente, pode ser diferente em outra coisa, mas no saber, estudos, a gente também quer ser igual eles (Dona Edna, comunidade de Bom Jesus).

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 125-146, maio/ago. 2024.
Recebido em: 22/04/2024 | Aceito em: 24/06/2024

Cansada da labuta na roça, sob o sol quente, Dona Edna encara o estudo como uma saída para a melhoria de vida. O mais bonito de ver é a vontade dela de entrar na faculdade. Mesmo com toda dificuldade, e de ter terminado o ensino médio somente há pouco tempo, ela pensa em entrar na universidade, e tem questionado, nas reuniões, as posições das mulheres sobre esse desafio, além de abordar a questão do racismo. Podemos perceber o quanto essas mulheres estão cientes dos seus direitos hoje. No terceiro capítulo, vamos abordar mais a fundo essa relação das mulheres e a organização para a sua emancipação dentro da comunidade e fora dela.

A participação na comunidade

Sobre o seu período de estudos, que tiveram de ser interrompidos. Dona Edna conta o seguinte:

> Quando eu fiquei com o Falcão (esposo) eu já tinha 19 anos, eu já queria arriscar a sétima, oitavo e nono ano para gente concluir, né? E aí cheguemos até o nono ano, aí não deu para nós, nem vim para cidade. E para nós ficou difícil lá, porque era só o tecnológico, e também a gente ia para o retiro (local onde planta roça) aí a gente perdia muita aula, passávamos semanas por lá, aí não dava para estudar. A roça fica longe da comunidade, porque não tem terra para todo mundo da comunidade, tínhamos que dormir lá no meio do mato. Por isso passamos todo esse tempo sem estudar. Porém, agora eu e Falcão, conseguimos terminar o ensino médio, graças a Deus, agora é entrar em uma faculdade.

No momento em que Dona Edna relata esse episódio da sua vida, quando teve de deixar de estudar para trabalhar na roça junto com seu esposo, e que eles, depois de mais maduros e com os filhos formados, conseguiram terminar o ensino médio juntos, é com brilho nos olhos que ela partilha o seu desejo de entrar na universidade. Assim, vê-se que não é uma questão de não ter vontade de estudar, por parte da maioria dos jovens das comunidades, e, sim, falta de opção, ausência de políticas públicas, como falamos anteriormente.

Movida por esse desejo de estudar e participar, Dona Edna faz a seguinte reflexão sobre sua vivência na comunidade, e na família.

> Na Flona, quando começou assim, em termo de participação, a nível da associação, ela ainda era muito devagar na participação das mulher, na participação dos jovens, eram muito pouco. Eu digo por que, logo que começou, eu não participava, só quem ia para reunião era o Falcão, porque eu tinha que ficar com os meninos, aí depois eu fui amadurecendo e vendo que não era só o Falcão que podia participar, eu também precisava participar, depois a gente foi envolvendo os filhos, tinha que envolver eles também. No momento que eu percebi que tinha que participar, tinha coisas assim, que era informado e se eu não tivesse na reunião, eu não ia saber de nada, por que

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 125-146, maio/ago. 2024.
Recebido em: 22/04/2024 | Aceito em: 24/06/2024

> ele estava indo, mas observando para ele, o que era dele, era dele. Por isso eu comecei a ir, e incentivar meus filhos também.

Aqui Dona Edna retrata a sua vivência e a solidão pela ausência do seu parceiro, principalmente na roça, que é um trabalho braçal muito pesado para ela sozinha e os filhos. O marido de Dona Edna ocupa um papel muito importante de organização na Flona. Com isso, Dona Edna via-se muitas vezes na premência de ocupar esse papel dentro da comunidade, não igual ao do seu esposo, porém um papel que pudesse inspirar outras a irem na mesma direção.

> Porém hoje, isso não me impede mais não, tenho minhas funções na comunidade, na Flona e ele também. E teve um momento que percebi isso, a gente precisa buscar nossa memória, né? Teve uma época que meu esposo, foi presidente da associação e eu era secretária, foi aí que eu percebi que era importante a participação das mulheres nas reuniões, que a gente tinha força. Só que não tinha muitas mulheres, a que mais participava era dona Raimunda, Dorimar. E aí a gente começava a chamar as mulheres para as reuniões, incentivando. Então foi esse momento que lembro que tudo começou (Dona Edna, comunidade de Bom Jesus).

Segundo Dona Edna, foi nesta época que tudo começou a fazer sentido a respeito do seu papel de mulher na comunidade, e ela passou a convidar outras mulheres a irem também às reuniões e participarem. Esse movimento de participação teve mais mulheres com os projetos desenvolvidos pela universidade e parceiros na Flona e com os projetos das feiras agroecológicas, que serão descritos no terceiro capítulo deste trabalho.

> O projeto da feira nos aproximou muito, apesar de toda dificuldade das mulheres. Eu fico puxando a Janete, a gente precisa se inteirar, precisa participar, o que a gente tem que fazer quanto mulher é se inteirar mesmo, ter a direção da gente. Eu não quero nada só para mim, se eu puder envolver os outros, eu envolvo. E é o que faço lá na comunidade. Tem toda uma articulação para participar das coisas, tem que ligar, sinal ruim, mandar mensagem, quando não dar, temos que ir de lancha até a comunidade para reforçar, tem toda uma movimentação para se organizar (Dona Edna, comunidade de Bom Jesus).

Quando Dona Edna diz “que a gente tem muita força” e a “feira nos aproxima”, é essa potência feminina que paira sobre a Flona. Quando conheci essas mulheres, como fotógrafa voluntária desde o ano de 2019, percebi claramente essa força e essa potência através das minhas lentes, da minha memória. Vejo a relação de afeto que paira entre essas mulheres, vejo a força que tem dona Edna neste processo. O seu modo de falar, de se impor, é muito forte e isso, com certeza, empodera e inspira as outras mulheres que a conhecem e principalmente as mulheres da Flona.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 125-146, maio/ago. 2024.
Recebido em: 22/04/2024 | Aceito em: 24/06/2024

HISTÓRIA DE VIDA DA DONA MARIA EZIMAR ROCHA LOPES

FIGURA 2 – Dona Ezimar na feira de produtos agroecológicos



Fonte: Arquivo projeto das feiras agroecológicas.

> Eu digo para as mulheres que elas não fiquem de braço cruzado, vai correr atrás do seu trabalho, de se empenhar, de se organizar com as outras, porque eu digo, a gente organizado, consegue tudo, a união faz força (Dona Ezimar, comunidade São Francisco do Bauana).

Dona Ezimar Rocha Lopes tem 51 anos e mora na comunidade de São Francisco do Bauana. Irmã de dona Edna, ambas vivenciaram a maioria de suas experiências, quando crianças, juntas. Porém, como toda a história de vida, cada uma tem sua singularidade.

Infância e vivência do trabalho

Dona Ezimar vive há exatamente 51 anos na comunidade do Bauana. O que me chamou a atenção, no primeiro momento de partilha de sua história de vida, é que ela repete, várias vezes, que vive na comunidade há 51 anos e nunca pensou em sair de lá. A comunidade é sua casa.

> Vivo na comunidade do Bauana há 51 anos, meus pais são de lá, faleceram, mas nós continuamos lá, e foi lá que eu construí minha vida, dos meus filhos, e até hoje eu continuo lá naquela comunidade. Tenho seis filhos (Dona Ezimar, comunidade São Francisco do Bauana).

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 125-146, maio/ago. 2024.
Recebido em: 22/04/2024 | Aceito em: 24/06/2024

Essa importância que Dona Ezimar dá à comunidade é muito presente em todas os depoimentos das outras mulheres. Elas falam da comunidade com acolhimento e afeto. Mesmo que aquele lugar seja de muito trabalho, mesmo assim é o lugar de onde tiram o dinheiro para sustentar a família e, nos rios, de onde tiram os peixes para comer.

> Na nossa infância era muito difícil, eu lembro que quando nós era criança, eu não lembro nem quantos anos eu tinha, nós ia para dentro do Garapé do Jatuarana, com nosso pai e nosso panerinho, cada qual tinha seu panerinho, e ele (pai) era só o quebrador e nós era para juntar castanha, ele ficava sentado em cima de um pau quebrando castanha no meio da mata e depois nós ia carregar. Ele não nos deixava em casa. Por cuidado mesmo. Antigamente se nossos pais iam para um canto, eles levavam a gente. (Dona Ezimar, comunidade São Francisco do Bauana).

Outro ponto importante que se deve ressaltar é o fato de ser bem nítido o trabalho infantil, que eu vivenciava muito na minha comunidade quando criança e adolescente. Minha mãe, desde muito pequena, trabalhou na seringa e na roça com meus avós, meus irmãos, principalmente os homens. As meninas pequenas ficavam para cuidar da casa ou dos irmãos. Essa questão é um ponto para reflexão.

> Eu penso assim, que tudo eu aprendi com meu pai e minha mãe. Eles eram umas pessoas que não eram rígidos, mas mostravam o trabalho porque a gente trabalhava, que era para ter nossa alimentação**.** Eu nunca lembro de faltar alguma coisa para gente comer, sempre dava um jeito de ter alguma coisa. Nós vivia na pobreza, mas nós tinha banana, cará, macaxeira, nós era pobre, mas ricos dessas coisas (Dona Ezimar, comunidade São Francisco do Bauana).

Quando Dona Ezimar diz que "mostravam o trabalho porque a gente trabalhava que era para ter a nossa alimentação", ela entende, quanto adulta, que aquele trabalho de criança, muitas vezes no sol quente, carregando paneiros nas costas, é um trabalho de cooperação para o bem comum da família, o qual não é encarado como exploração.

> Mamãe sempre dava um jeito de fazer mingau, bolinho de massa, de frutas. Eu digo que eu fui no ritmo da minha mãe. A minha mãe era uma pessoa muito trabalhadeira, uma guerreira, eu digo o que ela fazia ensinou para nós. Mas é assim, a vida, vivo na comunidade porque eu gosto, meus pais faleceram, mas eu digo que é a minha terra, eu tenho orgulho de ser o que sou. E eu digo assim, meu pai e minha mãe só ensinaram coisa boa para nós, trabalhar na agricultura, na função deles, e foi uma função que eles deixaram que eu faço porque eu gosto também (Dona Ezimar, comunidade São Francisco do Bauana).

Assim, percebe-se, nesse relato sobre infância e trabalho, o quanto Dona Ezimar tem honra e orgulho de tudo que seus pais deixaram como legado, ensinando-a a trabalhar, e como ela sente satisfação em se dedicar à agricultura.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 125-146, maio/ago. 2024.
Recebido em: 22/04/2024 | Aceito em: 24/06/2024

Adolescência e escola

Dona Ezimar tem um grau de escolaridade muito parecido com o de Dona Edna. Quando mais novas, ambas não conseguiram estudar, o que só conseguirem bem mais tarde.

> Eu me lembro muito do meu pai, eu nunca esqueço, desde pequeninha meu pai e minha mãe me ensinou nós a trabalhar na roça e na agricultura. Se ele ia ele não deixava nós. Teve uma época que tinha umas escolinhas, e ele colocava nós, mas se a aula fosse de manhã, a tarde nós ia para roça com eles. Nossa merenda eu lembro que era peixe, nós pegava fritava um "bararuá" [nome do peixe], colocava farinha em cima, e levava, aquela era nossa merenda na escola. Hoje está tão diferente, hoje tem apoio nas escolas, tem merenda, tem o bolsa família (Dona Ezimar, comunidade São Francisco do Bauana).

Era nesse ritmo que dona Ezimar levou sua vivência na escola na comunidade. Quando ela diz "que nossa merenda eu lembro que era peixe, nós pegava e fritava, colocava farinha e levava", pensa-se na regionalidade e na riqueza local. Hoje, ela reflete sobre como os programas sociais beneficiam muitas famílias ribeirinhas e pelo Brasil afora, proporcionando a elas terem uma alimentação melhor.

A participação na comunidade

Dona Ezimar realça muito fortemente a questão da mulher agricultora. Um dos pontos que ela destaca, a respeito disso, é o fato de o trabalho na roça ser muito pesado.

> Eu sou agricultora, trabalho na roça, sou animadora de setor da igreja, tenho essa função na igreja, que é para ajudar na igreja, sou também uma das mobilizadoras das mulher, eu oriento, procuro, nós temos um grupo de mulher. Eu faço meus plantios de hortaliça, de tudo um pouco eu procuro fazer. Tudo isso para bens dos meus filhos, eu digo para eles, o que eu não pude ter, meu estudo, ter um estudo para mim, ser alguém na vida, hoje eu quero para meus filhos. O nosso foco é lá na comunidade, na agricultura, que é para tirar o sustento dos nossos filhos, ajudar eles nos estudos dele (Dona Ezimar, comunidade São Francisco do Bauana).

A maternidade e o cuidado com o futuro dos filhos são questões muito importantes para todas as mulheres que fizeram parte deste estudo. Todas se preocupam muito com a educação dos filhos, com um futuro melhor, que não seja o de trabalhar na roça.

> Na roça é muito difícil, é um trabalho muito pesado, eu digo para as mulheres que não querem participar, nós não podemos tirar nosso sustento só da roça. É um trabalho muito pesado, o que então deveríamos fazer? Nós temos que criar galinha, nós temos que fazer nossos canteiros de hortaliça, vender na feira. E eu incentivo elas. Hoje algumas mulheres querem as coisas muito fácil, porém nada é fácil, tudo que a gente tem é com todo sacrifício do mundo. E hoje eu agradeço muito a Rita, porque ela ajudou muito nós, e continua ajudando. Eu dou muita força para as mulheres, elas sabem disso. Não é por falta de convite, eu convido muito, desde quando marca as datas das feiras, eu já estou falando, já estou articulando com elas,

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 125-146, maio/ago. 2024.
Recebido em: 22/04/2024 | Aceito em: 24/06/2024

> "olha vai ter feira, vamos ajeitar nossas verduras para levar" nós faz o bem para pessoas, e faz o bem para nós mesmos, que dali nós tira para comprar nosso rancho, nossa alimentação**.** Eu sou uma pessoa que eu bato muito, eu não quero só para mim, quero para todas (Dona Ezimar, comunidade São Francisco do Bauana).

Dona Ezimar destaca o desafio do desinteresse de algumas mulheres em se envolver no movimento das feiras, ressaltando a necessidade de evitar idealizar as dinâmicas comunitárias, que, como qualquer grupo social, enfrentam problemas de articulação e interesse. Ela incentiva a participação e destaca a importância do projeto, inspirando outras mulheres com sua determinação e resistência. Sua fala sobre querer benefícios não apenas para si, mas para todas, reflete a essência da organização coletiva e a importância de entender esse processo.

> Eu fico muito feliz quando recebo um convite, dizendo que vai ter uma feira, porque eu já sei que lá vou ganhar meu dinheiro, porque quanto mais feira tem, mais eu vou ganhar meu dinheiro. A goma, tucumã, que a natureza nos dá, que Deus deixou, minha comadre um dia desses trouxe maracujá do mato, e ganhou muito dinheiro, porque só ela trouxe, e são coisas que ela não plantou, só foi lá na natureza e só colheu e trouxe e vendeu. Para mim, essas feiras, tem muito valor, para ganhar nosso dinheiro, dar para eu trazer minha farinha, minha cebola, minha goma, macaxeira. Se as mulheres se esforçassem mais seria mais forte e movimento, porque não adianta só ter a feira, tem que ter gente para vender (Dona Ezimar, comunidade São Francisco do Bauana).

Aqui ela destaca a relação das feiras com o sustento da família, e como isso é importante para todas as mulheres da comunidade, a felicidade delas em participar, de colher na floresta produtos que só a natureza dá, sentindo-se grata por isso.

> Eu sou agricultora, pescadora, sou uma negra que gosto da minha raça, eu amo essa cor que eu tenho. De primeiro eu dizia assim, aí eu não gosto do meu cabelo, do meu corpo. Agora eu amo, meu cabelo, meu corpo, eu tenho que me sentir amada por mim mesmo. Eu tenho orgulho de mim mesma, não tenho vergonha da minha cor. Não tenho mais vergonha do meu cabelo, antigamente qualquer coisinha queria prender, colocar um chapéu. O momento que foi revelado que eu tenho que gostar de mim, do jeito que sou, foi no grupo das mulheres, eu vi todo tipo de mulher naquele encontro, de mulher negra, mulher branca, lá tinha mulher corajosa, preguiçosa, todo tipo de mulher mesmo, então nesse meio, eu acreditei que tem gente que dar força para gente, olha você é assim, você é bonita desse jeito. E lá que eu fui acreditar que eu tenho que dar valor a minha cor, a minha raça (Dona Ezimar, comunidade São Francisco do Bauana).

Dona Ezimar compartilha seu orgulho e amor próprio, influenciada pelo projeto "Elas Podem", que aborda questões cruciais para as mulheres na sociedade. Sua história emociona e inspira, destacando sua força como mãe, trabalhadora e líder. O apoio mútuo entre as mulheres na comunidade é enfatizado, assim como a importância de reconhecer e valorizar essas mulheres em pesquisas científicas, honrando povos historicamente negligenciados.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 125-146, maio/ago. 2024.
Recebido em: 22/04/2024 | Aceito em: 24/06/2024

HISTÓRIA DE VIDA DE DONA RAIMUNDA MARQUES

FIGURA 3 – Dona Raimundinha na sua comunidade



Fonte: Arquivo projeto feiras

> Eu gosto das participações na comunidade, pois ensina muita coisa que eu não sei. A gente aprende. O que eles não sabem a gente ensina, a gente vai aprendendo (Dona Raimundinha, comunidade de Bom Jesus).

Dona Raimunda Marques tem 82 anos. É casada, agricultora, mãe e mora na comunidade de Bom Jesus. Dona Raimundinha, como gosta de ser chamada, é uma das moradoras mais antigas da Flona. Sua história e seu protagonismo tiveram grande importância para as todas as mulheres. Apesar da idade, sempre marca presença nos encontros das mulheres e adora participar das feiras.

Infância e vivência do trabalho

Dona Raimundinha sempre trabalhou na roça junto com sua família, desde muito nova, e esse trabalho majoritariamente era na produção de farinha. Ela também conta que sua mãe e seu pai trabalhavam e dividiam o tempo também com a seringa, nesse caso, só as irmãs mais velhas iam com eles. Porém, quando era solicitado, Dona Raimundinha acompanhava suas irmãs nessa tarefa.

> Minha mãe trabalhava na roça e meu pai na seringa, minha irmã e a minha mãe ajudava meu pai no seringal, e aí nós se criemos. Tinha dia que até chovendo nós ia para roça, mamãe dizia, bora para roça e eu e minha irmã iam, nós era seis irmã.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 125-146, maio/ago. 2024.
Recebido em: 22/04/2024 | Aceito em: 24/06/2024

> Minha irmã serrava as árvores para gente plantar, com serra mesmo. Uma do lado e uma do outro, ela serrou muito para assoalhar nossa casa (Dona Raimundinha, comunidade de Bom Jesus).

Essa relação de trabalho nas comunidades é muito comum e se repete nas histórias contadas nesta pesquisa. O trabalho é a vivência do comum. Ela fala, com um sorriso no rosto, que ajudava principalmente a mãe a cuidar da casa ou dos irmãos.

Outra lembrança que Dona Raimundinha compartilhou conosco foi a de sua mãe trabalhando com o barro. Nas palavras que se seguem, ela narra essa memória, sempre sorrindo.

> Minha mãe trabalhava com o aguidá de barro, aí nós ia com ela de madrugada tirar barro, eu sei temperar e fazer, minha mãe me ensinou. Nós ia todos juntos tirar o barro, levava comida, na beira do Igarapé, grande e comprido, aí nós ia e tirava o barro, nós embrulhava em uma folha, levava para canoa, no outro dia ela já ia fazer para não endurecer o barro, aí já tinha o preparo na casa dela, a mesa, o caraipé que era o tempero do barro, é um arvore grande, queima, peneira e mistura no barro. Ela ensinava nós a fazer, ela dizia assim – minha filha é assim, botava, amassava, botava de novo. Se a gente amassasse e não quebrasse, estava bom! Quando bota demais, ele parte todinho e aí não presta. Nós ficava olhando e aprendia também, tudo ela fazia para nós de barro, prato, tigela, aqueles filtro de barro, para colocar água, que o rio era longe**.** Nós fazia os oguidá, porque nós não tinha dinheiro para comprar panela, prato.

No momento em que eu estava colhendo a história de vida de Dona Raimundinha, essa parte do relato foi o momento em que ela mais se emocionou. Ficou pensativa, como se aquele trabalho que sua mãe fazia e o aprendizado dele que a sua mãe lhe deixou como herança tivessem sido tão marcantes na época da sua infância que, se na sua comunidade do Bom Jesus tivesse o barro próprio para fazer o aguidá. Que são artesanatos. Era uma forma de manter a lembrança de sua mãe mais viva na sua mente.

> Eu não faço aqui, porque não tem esse barro que ela usava, aqui até acha nas beira do garapé, mas não tenho mais saúde para isso não. Um dia eu fiz um aguidá bem pequeninho para minha neta, eu pintei umas folhinhas, ficou muito bonitinho, mas foi só aquele mesmo, mas se tivesse barro, eu fazia, sim (Dona Raimundinha, comunidade de Bom Jesus).

O sentimento do amor, do afeto, pairava sobre Dona Raimundinha em suas falas. O aguidá traz lembranças que, talvez, se não fosse eu a retomar a história de sua vida, não se teria a oportunidade e o prazer de ouvir essas memórias.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 125-146, maio/ago. 2024.
Recebido em: 22/04/2024 | Aceito em: 24/06/2024

Adolescência de dona Raimundinha e a escola

A vida escolar de dona Raimundinha é um retrato muito real das mulheres ribeirinhas da nossa região. Lembro-me de que eu fui a primeira da minha família a cursar uma faculdade. Incluindo a família da minha mãe, do meu pai e das tias e tios. Minha mãe e suas irmãs eram todas analfabetas – minha mãe ainda conseguia assinar o nome, bem devagarinho. Mas fazia questão de assinar, quando solicitado. Exatamente da forma como Dona Raimundinha relata abaixo:

> Quando a gente era criança, não tinha escola, a gente nem sabia o que era professor. Quem me ensinava algumas coisas era meu pai, eu estudava em casa com o papai, ele aprendeu algumas coisas lendo em sacos de fósforo que os patrão tinha. E ele perguntava do patrão dele como formava aquelas palavras e foi assim que ele aprendeu e aprendeu bem aprendido. E ele ensinava nós. Foi ele que ensinou a fazer meu nome. Depois que ele morreu eu sentia muito falta. Porque ele que sabia e ensinava nós, eu e meus irmãos. E ainda tem uma irmã minha que é até professora. Eu sentia falta de estudar, mais a gente não sabia de professor. Teve um tio meu que pediu da minha mãe para gente ficar e estudar, aí meu tio tinha roça, juta, nós fomos foi trabalhar, não estudava nem nada.

Como já disse anteriormente, era como minha mãe dizia sobre a sua infância. Ninguém pensava viver outra vida, porque ninguém teve oportunidade de vivenciar uma outra possibilidade para ver se era melhor do que a vida na roça e na seringa.

O caminho para a participação na comunidade

Ativa na comunidade, dona Raimundinha é uma das mulheres mais importantes na região da Flona. Ela participa desde o início das feiras, das reuniões. Percebe-se na sua fala a importância da comunidade e da união entre as mulheres e o fato de elas serem as protagonistas das suas vidas.

Mas até chegar à Flona e alcançar essa posição de protagonismo na comunidade, Dona Raimundinha, na sua juventude, passou por dois relacionamentos abusivos. No entanto, apesar da dificuldade financeira e da necessidade de criar seus filhos, nunca deixou que os homens tomassem as rédeas de sua vida.

> Eu vim de Copatana e vim para Tefé com minha patroa. Eu fiquei em Tefé e minha mãe foi embora, e eu fiquei com minha vó, minha vó morreu, e eu tive empregada pelas casas, aí achei um homem e fui para a acompanha dele, eu tive três filhos só. Aí abandonei ele, porque ele era muito cachaceiro, as vezes queria me bater, aí eu deixei ele e fui embora para casa da minha sogra, eu morei muitos tempos em Tefé. Aí arranjei outro e nós fomos embora cortar seringa, aí ele também era malandro, não queria fazer nada, só queria viver na custa do pai e da minha sogra, não esse vou me embora, eu tive dois filhos com ele. Aí fui embora para casa do

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 125-146, maio/ago. 2024.
Recebido em: 22/04/2024 | Aceito em: 24/06/2024

> meu tio, a minha mãe me levou embora. Eu levei meus três meninos junto comigo. Para lá se criaram, e depois com dez anos saíram de casa para trabalhar. Só depois de adultos que eu fui ver eles de novo (Dona Raimundinha, comunidade de Bom Jesus).

Na sua história, Dona Raimundinha nos lembra da força da mulher da floresta, de conseguir se manter de pé, como as castanheiras, apesar das dificuldades. Mostra que cada mulher é protagonista da sua vida.

> Eu sempre trabalhei na roça, depois de velha que comecei a trabalhar com verduras para vender, no projeto da feira. Deu muita verdura, deu muita pimenta, cheiro-verde, cebola. Tudo deu! Fomos para Parintins levar nossas verduras, um monte de mulher foi. As nossas cebolas eram bonitas, a gente aprendeu que a cinza que dar debaixo do forno é o mesmo que o calcário, aí a gente colocava tudo nas verduras e ficavam bonitas. Nós fomos várias vezes nas feiras, vender mel, vender cebola, pimenta, tem até as fotos que as meninas tiravam, tinha lá nossas fotos, trabalhando na horta, e as bacias de verduras, tão bonitas, né? Lá em Parintins, também apareceu nós no telão lá. Eu achei bom. Só que eu já não consigo mais carregar peso, até cortar alguma coisa eu tenho dificuldade. Esses últimos tempos, tenho me sentido muito doente (Dona Raimundinha, comunidade de Bom Jesus).

Dona Raimundinha se destacou nas feiras da Flona, onde apresentava seus produtos e colaborava com outras mulheres da comunidade do Bom Jesus na organização do evento. Ela se orgulha de suas plantas e produções. Anteriormente, sua participação se limitava mais à organização da alimentação em reuniões comunitárias, mas nas feiras, ela e as outras mulheres assumiam papéis centrais, planejando e coordenando as atividades.

> Muitas das mulheres não gostam de participar mesmo não, a gente convidava para ajudar nós na cozinha, aparecia uma, duas, depois não vinha mais (Dona Raimundinha, comunidade de Bom Jesus).

A comunidade, nesse sentido, se dá pela organização dessas mulheres, umas em relação às outras, em que cada uma tem o seu papel.

Apesar do machismo que está estruturado na sociedade e de todas as dificuldades, hoje em dia percebemos, através de nossas pesquisas, que a cada dia mais mulheres estão ocupando esses espaços para além da cozinha. Principalmente depois dos projetos de educação que foram disponibilizados na Unidade de Conservação - UC, projetos que foram feitos para elas e que elas assumiram, como o projeto das feiras.

> Eu gosto das participações na comunidade, pois ensina muita coisa que eu não sei. A gente aprende. O que eles não sabem a gente ensina, a gente vai aprendendo (Dona Raimundinha, comunidade de Bom Jesus).

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 125-146, maio/ago. 2024.
Recebido em: 22/04/2024 | Aceito em: 24/06/2024

Apesar de todas as dificuldades apresentadas por essas mulheres para terem o poder de participação e organização na comunidade, elas sabem o seu papel. Quando Dona Raimundinha diz "O que eles não sabem a gente ensina, a gente vai aprendendo", essa partilha é exemplo claro da reflexão que estamos propondo, ou seja, através da educação popular, as mulheres passam a ter consciência de que seus conhecimentos são válidos e importantes e nos ensinam também. Conhecimentos que vieram da vivência de viver na/da floresta e dos rios, conhecimento esse que foi trazido de uma ancestralidade.

REFLEXÕES SOBRE TRABALHO, INFÂNCIA E FAMÍLIA

Todas as mulheres que participaram desta pesquisa lembram da sua infância sempre com o "trabalho na roça", como diz Dona Ezimar: "Desde que eu me entendo por gente eu trabalho na roça" (Dona Ezimar, comunidade São Francisco do Bauana). E esse é um primeiro fato que trazemos para a reflexão. No caso das meninas, elas trabalhavam na roça, trabalhavam em casa com a mãe nos serviços domésticos e no cuidado com os irmãos e, muitas vezes, não podiam ir à escola.

O trabalho na roça, na maioria dos casos, no plantio de mandioca, é muito exaustivo, exige muita dedicação e energia. "A região da Amazônia representa, sob o ponto de vista ecológico, um tipo unitário de área alimentar muito bem caracterizado, tendo como alimento básico a farinha de mandioca" (Castro, 2010, p. 41).

> Na fabricação da farinha, a importância do trabalho feminino e infantil era muito acentuada, assim como ainda é hoje. Para fazer a farinha é preciso juntar gente. Pois todas as etapas devem ser realizadas em um só dia ou no máximo dois: arrancar a mandioca, raspar, lavar, ralar, prensar e torrar. Embora normalmente o controle do processo da farinha seja feito por um homem, que é que determina as quantidades, as tarefas de cada um e o "ponto" de torrar a farinha, mulheres e crianças arrancam, raspam a mandioca, lavam, carregam água. (Wolff, 1998, p. 126).

Sendo a farinha de mandioca a principal fonte alimentar dessas populações, a organização do trabalho da família exige que todos ocupem o papel nesse processo.

Segundo dona Edna, quando o esposo saía para as viagens para a organização da Flona, ela ficava em casa com as crianças e fazia o "básico" para sobreviverem por aquele tempo sem o "homem no lar". Olhando essa situação pela perspectiva feminista de Silvia Federici (2019),

> É importante reconhecer que, quando estamos falando de trabalho doméstico, não estamos tratando de um trabalho como os outros, mas, sim, da manipulação mais

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 125-146, maio/ago. 2024.
Recebido em: 22/04/2024 | Aceito em: 24/06/2024

> disseminada e da violência mais sutil que o capitalismo já perpetuou contra qualquer setor da classe trabalhadora (Federici, 2019, p. 42).

É o que a autora chama de "trabalho do amor", no qual, mesmo sobrecarregada, a mulher entende que o que ela está fazendo é o básico, e não é. Essa mulher vive uma tripla jornada, mesmo com o marido em casa. E, quando o marido não está, ela também assume o trabalho que era para ser do esposo.

Durante as entrevistas, quando estávamos falando desse assunto de trabalho, quando as mulheres compartilhavam a sobrecarga de trabalho, no final, sempre diziam: "mas eu sou feliz". Como se, mesmo ao compartilhar as suas dores de sobrecarga materna, trabalho na roça, cuidado do marido, estar feliz era cumprir o que a sociedade exige. "Quem nasce mulher, sente e sabe a discriminação de cada dia, mesmo que diferente para algumas, a carga de discriminação e é contra essa educação, sexista, machista, patriarcal e capitalista que estamos a questionar, permanentemente" (Andrade; Machado, 2018, p. 47).

REFLEXÃO SOBRE O ACESSO À EDUCAÇÃO PELAS MULHERES DA FLORESTA NACIONAL DE TEFÉ

A educação das mulheres da floresta é a ferramenta que liberta. É uma educação marcada pelo compromisso, pelo afeto; é uma educação pelo comum, pela igualdade; é uma educação popular.

Na maioria das partilhas que tivemos com as mulheres e no tempo que trabalho como fotógrafa voluntária nos projetos das feiras, pude perceber que a fraternidade das mulheres umas com as outras é muito forte. Porém, essa fraternidade é marcada pelo difícil acesso à educação dessas mulheres, não somente pelo fato de as comunidades serem longe da cidade. Mas, principalmente, pelo impedimento por parte do pai ou do marido.

Nesse processo, percebemos uma infância e uma adolescência silenciadas por homens, que, no papel conferido a eles pelo machismo e pelo patriarcado, oprimem a vida dessas mulheres, querendo ser seus donos e mandar nas suas vontades, sendo que a vontade delas é de ser elas mesmas, de fazerem sua própria história. Como diz Rejane: "Se não sairmos daqui para estudar, não vamos ser nada". Como diz Perrot (1998 *apud* Perrot, 2005, p. 9), sobre o silêncio das mulheres.

> O silêncio é o comum das mulheres. Ele convém à sua posição secundária e subordinada, ele cai bem em seus rostos, levemente sorridentes, não deformado pela impertinência do sorriso barulhento e viril. Bocas fechadas, lábios cerrados,

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 125-146, maio/ago. 2024.
Recebido em: 22/04/2024 | Aceito em: 24/06/2024

> pálpebras baixas, as mulheres só podem chorar, deixar as lágrimas correrem como a água de uma inesgotável dor.

Desse modo, o silenciamento dessas mulheres é muito real. Está em Rejane, que não podia estudar fora, porque o pai não deixava que ela e as suas irmãs saíssem de casa para estudar. O silenciamento está em Janete, que queria continuar seus estudos, mas o seu esposo não deixou.

Conforme vamos conhecendo a história dessas mulheres, percebemos que há toda uma estrutura de silenciamento que é proposital, que é intencional. Por essa estrutura, a mulher não foi feita para sair de casa e fazer a sua história. Principalmente a mulher que vive na floresta, pois, além de tudo, existe a questão da geografia do lugar. A mulher foi feita para trabalhar na roça, parir, cuidar dos filhos e do marido, segundo o pensamento patriarcal dominante.

No entanto, Dona Raimundinha, junto com o seu pai, quebrou e ultrapassou essa barreira. Seu pai, mesmo não sabendo ler e escrever, desafiou seus próprios limites de opressão e aprendeu a ler sozinho, em sacos de fósforo, movido pela curiosidade de perguntar para os seus patrões as palavras. Com isso, aprendeu a ler e pôde ensinar seus filhos e filhas. Quando o pai faleceu, Dona Raimundinha sentia saudade dele e também da educação que dele recebera. No meio da floresta, eles tinham seus próprios meios de aprender, sua mãe ensinando a fazer o oguidá de barro, ou seus remédios da floresta.

Um conhecimento usado na comunidade para seu povo, que passa de geração em geração. “O pensar a vida não era pensar apenas a partir de pensamentos de outros, mas era sobretudo o desafio de tomar sua própria vida, seus hábitos, seus conhecimentos, como fonte primeira do pensamento” (Gebara, 2016, p. 192).

Essa sementinha da educação popular e a organização e a participação dessas mulheres nesses espaços proporcionam uma outra mentalidade para mulheres que foram oprimidas: a de pensar diferente de seus pais e seus maridos, mantendo sua afetividade com o lugar da comunidade. Como diz Dona Edna, “O maior desejo do meu coração, para a comunidade, eu tinha vontade dos meus filhos cursarem uma faculdade direitinho e eles voltarem para aplicar o conhecimento deles onde eles saíram, esse é o maior sonho”.

REFLEXÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA COMUNIDADE

Este último tópico é de muita importância, pois compreender esse processo de participação é o eixo principal desta pesquisa. Deixamos este ponto como o último neste

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 125-146, maio/ago. 2024.
Recebido em: 22/04/2024 | Aceito em: 24/06/2024

capítulo, pois esse processo de organização das mulheres da floresta que analisamos foi um longo caminho trilhado. Não foi um processo rápido nem teve um autor principal ou se constituiu de uma ação única. Mas, sim, foi o resultado do esforço de uma junção de processos, que contribuíram para a influência da organização para além da comunidade.

Tanto na infância como na juventude dessas mulheres, a falta de acesso à educação foi uma das principais dificuldades que elas enfrentaram em suas vivências na comunidade.

Marcia Kambeba (2020) propõe uma reflexão sobre o bem viver, a busca da coletividade, do bem comum, que foi a forma de essas mulheres se encontrarem nas suas comunidades e, juntas, transformarem a sua realidade, contornando as dificuldades por meio de ações que beneficiaram todo o coletivo. "Nascer e viver em aldeia me fez entender que a resistência precisa começar dentro de cada um de nós, buscando manter vivas as memórias no compromisso de lutar, junto com uma coletividade por direitos e formas de seguirmos sendo comunidade" (Kambeba, 2020, p. 17). Que corrobora com o que diz Simonian (2001, p. 34), "[...] organiza-se e crer no potencial". As mulheres perceberam, por meio das ações de estímulo que tiveram na Flona, a potencialidade de se organizar e que podiam conseguir muita coisa, através da organização.

> A crescente mobilização feminina em busca do reconhecimento de parte da sociedade e do Estado, para que as mulheres tenham direito a voz e a possibilidade de tomada de decisões, no contexto do desenvolvimento, chega a ser revolucionária. Ademais cresce o número das mulheres que passam a constituir-se em sujeitos mais participativos, com o que superam invisibilidade e desconsiderações de toda ordem (Simonian, 2001, p. 34).

Em conformidade com o que a autora observa no seu texto, a mobilização/participação gera visibilidade para essas mulheres, gera pertencimento pela ação conjunta, pois a organização não se faz sozinha. Esse movimento é impulsionado por agente sociais, os quais, nesta pesquisa, são as mulheres da Floresta Nacional de Tefé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto que as vidas das mulheres da floresta são essenciais no papel no fortalecimento dos cuidados da floresta e das águas. Suas histórias destacam seu protagonismo em outros espaços da vida, desde a família até a participação na comunidade. Essas mulheres se unem para fortalecer a identidade coletiva e a organização comunitária, influenciando positivamente suas comunidades e reforçando sua conexão com a floresta.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 125-146, maio/ago. 2024.
Recebido em: 22/04/2024 | Aceito em: 24/06/2024

A educação do povo da floresta, se dar por uma educação pautada através da identidade do seu povo e sua cultura, que passa de mãe para filha. Conhecimentos, crenças ancestrais que povoam as florestas e seus povos, trazendo orgulho de pertencimento, apesar de todas as dificuldades enfrentadas por suas ancestrais e no tempo presente, viver na floresta/comunidade é um presente, e esse sentimento é o que faz manter vivo a luta e dever de lutar pelos seus direitos, de educação, cultura e saúde. E não tem como protagonizar essas ações, sem os afetos que norteiam as mulheres da Floresta Nacional de Tefé.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Êmila da Silva; MACHADO, Rita de Cássia Fraga. Mulheres da Floresta: dizendo sua palavra autonomia, participação e emancipação. *In*: MACHADO, Rita de Cássia Fraga; GAMA, Aildo da Silva (orgs.). **Mulheres, organização e produção agroecológica**: Floresta Nacional de Tefé. Curitiba: CRV, 2018.

CASTRO, Josué. **Geografia da fome**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. **Esperança feminista**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.

GEBARA, Ivone. Educação popular: a ressignificação das expressões. *In*: CASTRO, Amanda Motta; MACHADO, Rita de Cássia Fraga (orgs.). **Estudos feministas, mulheres e educação popular**. Curitiba: CRV, 2016.

KAMBEBA, Marcia Wayna. **Saberes da floresta**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Florianópolis: Edusc, 2005.

SAMAIN, Etiene. **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2012.

SIMONIAN, Lígia. **Mulheres da Amazônia Brasileira**: entre o trabalho e a cultura. Belém: UFPA/NAEA, 2001.

WOLFF, C.S. **Mulheres da floresta**: uma história – Alto Juruá, Acre (1980-1945). São Paulo: Hucitec, 1998.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 125-146, maio/ago. 2024.

Recebido em: 22/04/2024 | Aceito em: 24/06/2024

SOBRE AS AUTORAS

Marcela da Silva Barbosa
Mestra em Educação pelo Programa de Pós - Graduação em Educação – PPGED, da Universidade do Estado do Amazonas UEA. Formada em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas - CEST UEA. Trabalha com as mulheres da Floresta Nacional de Tefé - FLONA, como pesquisadora e fotógrafa voluntária. Mãe e feminista, que busca como pesquisadora e mulher, a liberdade de expressão, o reconhecimento dos povos que cuidam da floresta, seus conhecimentos ancestrais e as suas autonomias que são articuladas em comunidade, como fortalecimento das suas identidades.
E-mail: miguel261016@gmail.com

Rita de Cássia Fraga Machado
Doutora em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Sub-Coordenadora do PPGED/Tefé/UEA. Coordenadora do Programa Mulheres na Universidade - Edital Padex/UEA. Universidade do Estado do Amazonas - UEA. GT 17 ANPED - Filosofia da Educação.
E-mail: rmachado@uea.edu.br

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 125-146, maio/ago. 2024.
Recebido em: 22/04/2024 | Aceito em: 24/06/2024